



PPGHCTE UFRJ.BR <hcte@hcte.ufrj.br>

Exame de segunda língua (francês) - aluno Sérgio Braúna

1 mensagem

Rundsthen V. de Nader <rvnader@astro.ufrj.br>
Para: HCTE <hcte@hcte.ufrj.br>


23 de abril de 2021 16:44

Boa tarde, Robson.

Segue, em anexo, o texto e a respectiva tradução referentes ao exame de segunda língua (idioma francês) feito pelo meu aluno de doutorado Sérgio Braúna, no dia 21/04/21, tendo o mesmo sendo aprovado com conceito A.

Dessa forma, solicito que sejam feitos os trâmites necessários para que esse documento seja anexado à pasta do aluno e a informação lançada no histórico do mesmo.

Obrigado,
Rundsthen

 **Sergio Brauna - Test de langue seconde - Français.pdf**
276K

Doctorat em Histoire des Sciences et Techniques et Épistémologie

Université Fédérale de Rio de Janeiro

Test de langue seconde – Français

Date: 21/04/2021

le temps de traduction: 50 minutes

Nom/Élève: Sergio Brauna da Silva

Enregistrement: 119086161

Conseiller d'orientation: Rundsthen Vasques de Nader

Traduisez le texte suivant en portugais. L'utilisation d'un dictionnaire imprimé ou électronique est autorisée, mais la traduction automatique n'est pas autorisée.

Texte:

Histoire des sciences et matérialité des textes: Proposition d'enquête

Karine Chemla

OpenEditions Journals, p. 167-180 - <https://doi.org/10.4000/enquete.273>

Dans l'une des conceptions que le XIX^e siècle nous a laissées en héritage, l'histoire des sciences vise essentiellement à mettre au jour les étapes intellectuelles du parcours qui mènerait à la constitution des acquis scientifiques, que ceux-ci soient de l'ordre du concept, du résultat ou de la théorie. L'enquête est donc orientée vers l'identification des textes qui se trouvent porteurs d'innovation scientifique. Leur charge de nouveauté ne se mesure souvent qu'au regard d'une connaissance présente qu'ils reçoivent pour fonction de préfigurer. Les dernières décennies de discussions se sont appliquées à souligner à quel point semblable pratique s'avérait peu sensible aux conditions concrètes de production et de circulation des savoirs ; et l'on a vu s'élaborer plusieurs approches autres, mettant chacune en évidence la pertinence, pour rendre compte de certains aspects de la réalité scientifique, de facteurs d'ordre économique, social, culturel ou autre. De ces diverses incitations à prendre en considération les sciences en ce qu'elles sont pratiques effectives, je discuterai ici celle qui voudrait nous rappeler à la matérialité des supports par lesquels les résultats des recherches sont rendus publics et circulent.

Il semble bien en effet, comme le notait Adrian Johns, qu'alors même que l'histoire des sciences a pu se donner à voir sous les espèces d'une succession de « grands livres », le simple fait que ces livres étaient des « livres » – à savoir des objets impliqués dans des pratiques concrètes de production, de distribution et d'interprétation – soit pour l'essentiel passé inaperçu. Derrière cette négligence se profile la conviction tacite qu'au fond, de quelque point de vue qu'on l'envisage, le contenu scientifique « réel » – et même, en poussant à l'extrême, sa réception – reste de fait indifférent à la forme qu'il reçoit, laquelle apparaît dès lors en négatif comme contingente et ne requérant pas d'attention particulière. Et Johns d'appeler de ses vœux le développement, en histoire des sciences, d'un programme de recherche qui pourrait bénéficier des acquis conceptuels récents d'une histoire du livre dont L. Febvre et H. J. Martin marquaient un premier jalon d'importance avec la publication en 1958 de *L'apparition du livre*. Il ne s'agirait pas seulement de mettre en œuvre des méthodes quantitatives pour étudier de manière systématique les profils des publications et de leurs tirages, leur circulation différenciée en fonction des lieux et des milieux. A. Johns incite également les historiens des sciences à reprendre à leur compte la proposition, avancée par Roger Chartier et D. F. McKenzie, de travailler sur les modalités d'appropriation d'un livre par ses lecteurs, à savoir : de se pencher sur les usagers et sur leurs pratiques, leur travail, de lecture. Le dernier volet de son programme, enfin, concerne la production des livres à proprement parler, et A. Johns y insiste sur l'intérêt que présenteraient des recherches sur ces acteurs invisibles que sont les imprimeurs.

Traduction en portugais:

Numa das concepções que o século XIX nos deixou como herança, a história das ciências visa essencialmente revelar as etapas intelectuais do percurso que conduziriam à criação de conhecimentos científicos, quer se trate da ordem do conceito, do resultado ou teoria. A investigação orienta-se, portanto, para a identificação dos textos que são portadores de inovação científica. Sua carga de novidade não se mede frequentemente em relação a um conhecimento presente que eles recebem, para a função de prefigurar. As últimas décadas de debates se concentraram em enfatizar até que ponto tal prática se revelou pouco sensível às condições concretas de produção e circulação de saberes; e foram elaboradas diversas abordagens diferentes, cada uma destacando a relevância, para refletir certos aspectos da realidade científica, de fatores de ordem econômica, social, cultural ou outra. Desses diversos incentivos para levar em consideração as ciências, na medida em que são práticas efetivas, eu discutirei aqui aquela que gostaria de recordar à materialidade dos suportes pelos quais os resultados da pesquisa são tornados públicos e divulgados.

Com efeito, como observou Adrian Johns, parece que mesmo que a história das ciências pudesse ser vista sob a espécie de uma sucessão de "grandes livros", o simples fato de esses livros serem "livros" – ou seja, os objetos envolvidos em práticas concretas de produção, de distribuição e de interpretação concreta – sejam essencialmente passados despercebidos. Por detrás dessa negligência, está a convicção tácita de que no fundo, seja qual for o ponto de vista que se considere, o conteúdo científico "real" – e mesmo, levando-o ao extremo, essa recepção – permanece de fato indiferente à forma que recebe, a qual aparece, por conseguinte negativamente como contingente e não requer atenção particular. E Johns quer que se desenvolva, em história da ciência, um programa de pesquisa que poderia beneficiar os conhecimentos conceptuais recentes de uma história do livro, do qual L. Febvre e HJ Martin marcaram um primeiro passo importante com a publicação em 1958 o Aparecimento do Livro. Não se trataria somente de implementar métodos quantitativos para estudar de maneira sistemática os perfis das publicações e de suas tiragens, sua circulação diferenciada em função de local e ambiente. A. Johns também incentiva os historiadores das ciências a retomarem a proposta, apresentada por Roger Chartier e D. F. McKenzie, de trabalhar as modalidades de apropriação de um livro por seus leitores, a saber: observar os leitores e suas práticas de leitura e seu trabalho. A última parte de seu programa, finalmente, diz respeito à produção de livros propriamente ditos, e A. Johns insiste sobre o interesse que apresentariam pesquisas sobre esses atores invisíveis que são as gráficas/editoras.